

AVALIAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS ACERCA DO USO DE *TU* E *VOCÊ* NA VARIEDADE MARANHENSE DO PORTUGUÊS¹

SOCIOLINGUISTIC EVALUATIONS ON THE USE OF 'TU' AND 'VOCÊ' IN THE MARANHÃO VARIETY OF PORTUGUESE

João Vitor Cunha Lopes²

Wendel Silva dos Santos³

RESUMO

A partir do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]), neste artigo, analisam-se metacomentários sobre o falar maranhense, com o intuito de acessar quais avaliações sociolinguísticas emergem do discurso dos falantes em relação ao discurso de supervalorização do português maranhense, especialmente no que tange aos usos variáveis dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*. Inicialmente, realizou-se uma análise de áudios e transcrições de entrevistas sociolinguísticas que compõem duas amostras de fala: ludovicense (Santos, 2015) e bacabalense (Lopes, 2019). Os resultados dessa análise evidenciaram que os ludovicenses, relativamente aos bacabalenses, foram muito mais produtivos quanto à apresentação de metacomentários sobre a sua forma de falar e evidenciaram, em alguma medida, a crença de que os maranhenses e, principalmente os ludovicenses, falam o melhor português do Brasil. Para fins de complementação da amostra bacabalense e comparação com a amostra ludovicense, propôs-se a construção de uma amostra de avaliações sociolinguísticas de bacabalenses. As análises dessas últimas entrevistas revelaram que, quando instigados mais diretamente sobre o discurso da supervalorização do português maranhense, os bacabalenses apresentam uma avaliação positiva desse discurso, assim como os ludovicenses. Por fim, ao comparar as avaliações sociolinguísticas de ludovicenses e bacabalenses, este trabalho colabora com a ampliação da descrição sociolinguística do português maranhense, especialmente, no sentido de discutir como os maranhenses avaliam a sua própria variedade.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação Sociolinguística. Pronomes de Segunda Pessoa. Tu e Você. Bacabal. São Luís.

ABSTRACT

Based on the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]), this article analyzes metacommentaries on Maranhão speech, aiming to access which sociolinguistic evaluations emerge from the speakers' discourse regarding the discourse of overvaluation of Maranhão Portuguese, especially concerning the variable uses of the second-person pronouns "tu" and "você". Initially, an analysis of audio recordings and transcripts of sociolinguistic interviews was conducted, which comprised two speech samples: ludovicense (Santos, 2015) and bacabalense (Lopes, 2019). The results of this analysis showed that ludovicenses, compared to bacabalenses, were much more productive

¹ Os autores deste artigo agradecem à Coordenação de Pessoal do Ensino Superior – CAPES pelo auxílio financeiro (auxílio financeiro – Finance code 001) dos programas de Pós-Graduação em Letras nos quais os pesquisadores desenvolveram a presente pesquisa. Agradecem, ainda, à Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA) pelo auxílio dedicado à produção deste estudo.

² Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), joavitorcunhalopes@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0001-6696-5364>.

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), wendel.silva@ufma.br, <https://orcid.org/0000-0002-2418-0419>.

in presenting metacommentaries about their way of speaking and somewhat demonstrated the belief that Maranhão people, especially ludovicenses, speak the best Portuguese in Brazil. To complement the bacabalense sample and compare it with the ludovicense sample, it was proposed to construct a sample of sociolinguistic evaluations from bacabalenses. Analyses of these latest interviews revealed that, when more directly prompted about the discourse of overvaluation of Maranhão Portuguese, bacabalenses show a positive evaluation of this discourse, as do ludovicenses. Finally, by comparing the sociolinguistic evaluations of ludovicenses and bacabalenses, this work contributes to the expansion of the sociolinguistic description of Maranhão Portuguese, especially in terms of discussing how Maranhão people evaluate their own variety.

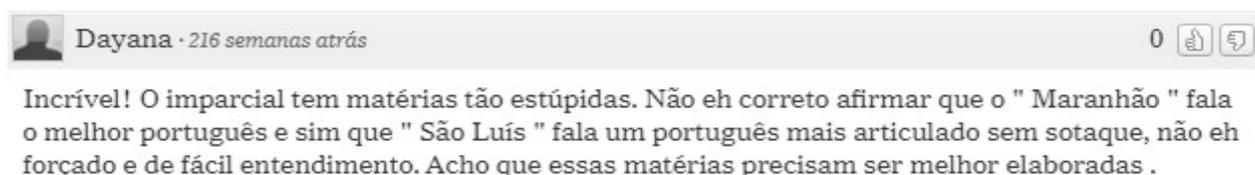
KEYWORDS: Sociolinguistic Evaluation. Second-Person Pronouns. Tu and Você. Bacabal. São Luís.

Introdução

O discurso popular acerca da supervalorização do português maranhense ainda é bastante difundido, tanto no âmbito do próprio Estado quanto fora dele. Historicamente, pode-se citar Maranhão (2012[1946]) e Serra (1965) como dois autores que, de alguma forma, trouxeram avaliações que endossam essa visão sobre a variedade maranhense. O primeiro autor, ao tratar sobre alguns costumes dos habitantes do Maranhão, à época ainda uma província, escreveu que os maranhenses utilizavam “um português [...] com um certo metal de voz, que o faz muito agradável ao ouvido” (Maranhão, 2012 [1946], p. 168). Por sua vez, Serra (1965, p. 17), ao tecer alguns metacomentários sobre a capital maranhense, afirma que “S. Luís é uma terra onde se amam os versos, os recitativos, a oratória, as tertúlias literárias e onde existe verdadeiro culto pela arte de dizer e de escrever”, lugar onde se discute sobre o vernáculo.

Mais atualmente, na internet, há muitas publicações⁴ (figura 1, a seguir) que apresentam opiniões e argumentos que exemplificam esse tipo de crença. Nota-se, porém, que, aparentemente, esse discurso estaria mais relacionado à variedade ludovicense, apontada como referência linguística, conforme apresenta Serra (1965), podendo-se inferir que falantes de outras cidades do Estado estariam mais distantes dessa variedade.

Figura 1: Comentário extraído do site O Imparcial



Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

⁴ É no Maranhão que se fala o melhor português do Brasil? Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 08 jun. 2024. O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão? Disponível em: <https://fabioprocopio.wordpress.com/2009/08/11/o-lugar-onde-melhor-se-fala-portugues-no-brasil-e-o-maranhao/>. Acesso em: 08 jun. 2024. Projeto identifica expressões orais típicas do Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/09/projeto-identifica-expressoes-orais-tipicas-do-maranhao.html>. Acesso em: 08 jun. 2024.

Como se observa, a internauta deixa claro que é o ludovicense nato quem fala o português mais correto, sem sotaque, sem gírias, e expressa sua surpresa e indignação com a afirmação de que o maranhense de outras regiões do Estado também fala o melhor português, sendo essa marca própria dos ludovicenses.

Na esteira dessa percepção popular acerca de seu próprio modo de falar, há, também, entre os maranhenses, a crença bastante difundida de que o sinal linguístico que caracterizaria esse “melhor português” seria o uso do pronome *tu*, ainda que pesquisadores, a exemplo de Alves (2010), mostrem que as taxas de uso do pronome em questão seja majoritariamente feita por meio da variante *você* (52,2% dos dados analisados), o que revela que avaliações linguísticas da natureza como das mostradas na figura 1, acima, são relevantes porque contribuem para a discussão em torno das crenças linguísticas que os falantes possuem acerca de sua própria fala (Preston, 1993; Niedzielski; Preston, 2000), além de levantar o questionamento de se a produção linguística necessariamente acompanha a avaliação/percepção (cf. Mendes, 2018; Santos, 2020).

- (1) MarceloO: eu acho que a gente não tem um sotaque a gente não tem uma maneira de falar ou cantando ou correndo ou lentamente eu acho que a gente fala normal [...] não sei **uma pesquisa diz que a gente fala/ quem melhor conjuga o verbo somos nós** eu já ouvi isso mas não sei se é verdade

Documentador: como assim um exemplo

MarceloO: que **a gente bota sempre pra segunda pessoa quando a gente fala a gente fala tu** e eles falam você e você tá errado você **tem que falar tu que é eu tu não é eu você** tu foste **a gente fala isso o maranhense fala isso**.

SLM2B-Marcelo⁵.

Enfatiza-se que não se pretende, aqui, analisar a produção linguística dos maranhenses, mas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]; Eckert, 2012; Oushiro, 2015), as avaliações sociolinguísticas que emergem dos metacomentários de ludovicenses e bacabalenses a respeito da variação de pronomes de segunda pessoa do singular, bem como as avaliações populares desses mesmos falantes acerca de sua variedade linguística. Para tanto, foram analisadas qualitativamente 57 entrevistas sociolinguísticas de duas amostras da fala maranhense: 26 ludovicenses (Santos, 2015) e 31 bacabalenses (Lopes, 2019, 2023). Especificamente, objetiva observar se ludovicenses e bacabalenses, em seus metacomentários, apontam o pronome *tu* (com ou sem concordância verbal) como uma suposta justificativa para a manutenção do discurso da supervalorização da variedade maranhense.

⁵ Os códigos entre parênteses, logo após os trechos das entrevistas, indicam a cidade do informante (São Luís ou BaCaBal), o seu sexo/gênero (Masculino ou Feminino), a faixa etária (1, para informantes que estejam entre 18 e 35 anos; 2, para informantes que estejam entre 36 e 59 anos; e, 3, para informantes que estejam com 60 anos ou mais) e seu nível de escolaridade (B, para aqueles que possuem até a educação básica até o ensino médio, e S, para os informantes que possuem ensino superior). Essa identificação dos participantes segue a proposta do Projeto SP2010, seguida por Santos (2015, 2020). Os nomes são, na verdade, pseudônimos atribuídos aos informantes que cederam suas vozes às pesquisas realizadas e que subsidiam a escrita deste artigo.

A seção a seguir vai tratar dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com enfoque em estudos de avaliação sociolinguística. Além disso, no tópico 2, resenham-se alguns estudos sobre os *pronomes pessoais de segunda pessoa do singular*, sobretudo aqueles que lidam com avaliações sociolinguísticas acerca do uso desses pronomes, além de se discutir como os correlatos subjetivos são relevantes para se compreender aspectos sobre a identidade linguística dos falantes. A metodologia da pesquisa é detalhada em seguida. Posteriormente, reportam-se os resultados das análises realizadas a partir dos dados extraídos das amostras de fala. Aqui, serão apresentadas distintamente as avaliações de ludovicenses e bacabalenses sobre sua própria variedade linguística. O artigo se encerra com as considerações finais e as referências que embasaram este estudo.

1. Os estudos de avaliação sociolinguística

Mais recentemente, os sociolinguistas brasileiros têm se voltado a realizar pesquisas que buscam analisar as inferências feitas pelos falantes de uma língua ao ouvir outro falante, podendo ser essas inferências conscientes ou não (cf. Oushiro, 2015; Soriano, 2016; Mendes, 2018; Carvalho, 2019; Santos, 2020; Lopes; Oliveira; Carvalho, 2016). Do mesmo modo, pesquisas que se debruçam sobre as reações subjetivas conscientes por meio da análise de metacomentários explícitos também têm ganhado atenção de estudiosos brasileiros (cf. Oushiro, 2015, 2021; Lopes, 2022). Metodologicamente, esses estudos têm buscado diálogo com áreas experimentais, como por exemplo, a Psicologia Social⁶. Nesta pesquisa, realiza-se uma discussão sobre a relevância do componente avaliativo nos estudos sociolinguísticos.

Ao definir comunidade de fala, Labov (2008 [1972], p. 150) entende que esse conceito não se refere apenas a um comum acordo entre os indivíduos evidenciado pelo compartilhamento de elementos linguísticos, “mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”, ou seja, o ponto central no reconhecimento de uma comunidade fala diz respeito às normas que os indivíduos de um determinado grupo compartilham, ainda que inconscientemente. Além disso, essas normas podem “ser observadas em tipo de comportamento **avaliativo explícito** e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso, destacando-se o elemento avaliativo, como parte importante nos estudos sociolinguísticos. Guy (2012, p. 18) é ainda mais preciso a respeito do componente avaliativo, quando depreende que as normas compartilhadas são “**atitudes em comum sobre o uso da língua**, normas em comum sobre a direção da variação estilística, **avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas**” [grifos nossos].

Ao levantarem os cinco problemas do estudo da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 121-126)⁷ discutem que o problema da avaliação diz respeito à

⁶ Para uma discussão mais aprofundada acerca da diferença entre os estudos de avaliação e de percepção sociolinguística, cf. Oushiro (2015, 2021) e Lopes (2022).

⁷ A saber: o Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição, o Problema do Encaixamento, o Problema da Avaliação e o Problema da Implementação

investigação de correlatos subjetivos e níveis de consciência social que os falantes têm de variantes de uma variável linguística. Os autores entendem que traços de personalidade inconscientemente atribuídos a certos falantes ajudam a compreender a significação social da alternância para um subsistema e assim verificar seu desenvolvimento ou obsolescência no todo.

Em linhas gerais, o exame da avaliação linguística permite observar, por exemplo, em que medida um falante é consciente da utilização de determinadas variantes linguísticas, bem como suas crenças, atitudes e opiniões acerca dessas variantes, o que, segundo Lucchesi (2015, p. 32), pode esclarecer, por exemplo, “[...] a potencial implementação de uma mudança linguística [...]”, e permite aventar que, se uma determinada variante inovadora recebe uma forte avaliação negativa por parte dos falantes, “um potencial processo de mudança tende a se retrair”, exemplificando, assim, o que seriam parte do dinamismo das línguas, as sistemáticas e automáticas associações feitas pelos ouvintes entre um sinal linguístico e certos significados sociais (Oushiro, 2021).

Eckert (2012), ao caracterizar os estudos linguísticos em “ondas”⁸, mostra que é a partir da perspectiva da terceira onda que os estudos de avaliação e percepção passaram a ter mais visibilidade no campo da sociolinguística. No contexto brasileiro, e para os propósitos deste estudo, as pesquisas de Miranda (2014) e Oushiro (2015) destacam-se como dois exemplares que ajudam a entender, em alguma medida, os “correlatos subjetivos” e o “nível de consciência” que os falantes têm de determinadas variáveis, além da relação com o “processo contínuo de mudança”⁹.

Miranda (2014) investigou a produção linguística de ludovicenses e caxienses, bem como as atitudes e crenças de caxienses sobre o falar local, comparando-as com os padrões sociolinguísticos das variedades ludovicense e caxiense. Os dados foram extraídos do corpus do projeto ALFMA, composto por 90 entrevistas com informantes estratificados por sexo, escolarização e faixa etária. Durante as entrevistas, além de perguntas sobre a vida dos informantes e a variável pronomes de segunda pessoa, o pesquisador buscou verificar se os caxienses acreditam “que o maranhense fala o melhor português?”.

As análises permitiram constatar que os falantes avaliam de modo positivo a fala maranhense como a melhor do país. Em relação à escolaridade dos informantes, os falantes com ensino fundamental foram os que mais avaliam positivamente a variedade maranhense, com percentual de 77,8%, seguidos dos informantes com ensino médio, 72,2%, sem escolarização, 66,6%, com ensino fundamental maior, 55,6%, e com ensino superior com percentual de 50%. No que se refere ao sexo dos informantes, ambos os sexos apresentaram uma postura positiva em relação à supervalorização do português maranhense: os homens apresentam um percentual de 66,7% de avaliação positiva, já as mulheres, 62,2%.

⁸ Para uma discussão mais detalhada sobre as diferenças entre as três ondas dos estudos sociolinguísticos, conferir Eckert (2022, tradução de Oliveira, Rockenbach e Gutierrez). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>.

⁹ Outros importantes estudos que discutem o mesmo aspecto de Miranda (2014) e Oushiro (2015) são os desenvolvidos por Alves (1979), Leite (2004), Cardoso (2015) e Garcia (2018).

Segundo o autor, os resultados referentes à aplicação das entrevistas confirmam que “[...] há um imaginário sobre a fala maranhense que não corresponde aos usos reais dos seus falantes” (Miranda, 2014, p. 134). Ele destaca que Caxias é reconhecida, por exemplo, por ser a terra do maior poeta indianista brasileiro, Gonçalves Dias, e que, assim como São Luís, possui um contexto socio-histórico, cultural e literário que mantém alguns aspectos linguísticos vivos na memória da população. Acrescenta que a cidade é “considerada berço de cultura de grandes poetas, historiadores e escritores, também é conhecida como uma das grandes expressões da cultura popular”.

Por sua vez, Oushiro (2015), em estudo que considerou a produção, a percepção e a avaliação sociolinguística na cidade de São Paulo, analisou o discurso metalinguístico de falantes nativos a respeito da realização de /e/ nasal, a pronúncia tepe ou retroflexa de /r/ em coda silábica e a concordância nominal de número. Ela pediu aos informantes que dessem informações específicas sobre essas variáveis linguísticas por meio da pergunta “o que você acha desse modo de falar”: (i) “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com pronúncia exagerada ditongada de [ẽj]); (ii) “a porta tá aberta” (pronúncia retroflexa do /r/; e (iii) “meu, me vê dois pastel e um chopês” (sem a marca de número no sintagma “dois pastel”).

O uso da concordância nominal de número não padrão é fortemente associado ao falar paulistano, à imigração italiana, ao bairro da Mooca e, também, a falantes menos escolarizados ou de classes sociais mais baixas. Oushiro (2015) analisou os padrões gerais de uso dessa variável e concluiu que a associação da concordância não padrão¹⁰ com a fala paulistana se deve às altas taxas de realização das variantes por parte de moradores [...] “de bairros tradicionais de São Paulo, sobretudo a Mooca, mas sinaliza que as percepções da comunidade estão em vias de mudança, em direção a uma associação mais forte com o nível de escolaridade e condição socioeconômica dos falantes (Oushiro, 2015, p. 160).

Por fim, após a breve resenha dos conceitos e estudos resumidamente apresentados, pode-se afirmar que este estudo destaca que pesquisas sobre avaliação linguística são fundamentais para compreender os processos de variação e mudança linguística. Além disso, contribui para a análise da relação entre produção e avaliação linguística, ressaltando que essas duas características nem sempre seguem na mesma direção.

2. Estudos variacionistas sobre os pronomes pessoais de 2PS

Diversos estudos variacionistas sobre o português falado no Brasil (Soares, 1980; Menon, 1995; Loregian-Penkal, 2004; Modesto, 2006; Dias, 2007; Calmon, 2010; Andrade, 2010; 2015; Alves, 2010; 2015; Carneiro, 2011; Miranda, 2014; Costa, 2016; Lacerda *et al.*, 2016, entre outros) têm evidenciado usos diversificados dos pronomes de 2PS, que ficam divididos entre as formas *tu* e *você*/ *cê*/ *ocê*. No geral, esses trabalhos constataram que a alternância entre essas formas está diretamente

¹⁰ Variável que, segundo a autora, curiosamente, tem uma associação estereotípica com a cidade de São Paulo e recebeu mais metacomentários por parte dos informantes.

correlacionada a variáveis linguísticas e sociais, como grau de intimidade, estatuto do interlocutor na interação, área geográfica ou localidade, faixa etária, sexo, escolaridade, função sintática, concordância verbal, tipo de referência, explicitação do sujeito, paralelismo linguístico, entre outras (cf. Dias, 2007; Alves, 2010, 2015), além de revelar o quão complexa é a variação entre esses dois pronomes, o que pode ser observada a partir de dois aspectos importantes: “o valor assumido pelas formas variantes em cada região e a presença ou não da concordância verbal canônica com o pronome mais antigo tu (tu falas *versus* tu falø)”, fato que agiria de maneira crucial sobre “a descrição e a análise do fenômeno em função da **avaliação social negativa** que a ausência da concordância verbal desperta entre os falantes na sociedade brasileira” (Lopes; Oliveira; Carvalho, 2016, p. 118, grifos nossos).

Por isso, ainda que esse fenômeno tenha sido amplamente estudado, principalmente, em termos de produção linguística, o presente trabalho justifica-se, pois entende-se que, além de compreender os aspectos relacionados aos padrões de usos desse fenômeno, é importante também entender como as pessoas o avaliam nos mais variados contextos e variedades.

Alves (2010) analisou, a partir dos dados extraídos do ALiMA¹¹, pronomes pessoais de 2PS em 6 cidades maranhenses: São Luís, Pinheiro (Mesorregião Norte), Tuntum, Bacabal (Mesorregião Centro), Balsas e Alto Parnaíba (Mesorregião). O corpus utilizado pela autora é composto por 28 informantes¹², estratificados de acordo com seu sexo (masculino e feminino), sua faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e sua escolaridade (ensino superior¹³ e ensino fundamental), além das cidades apresentadas. Entre as seguintes variáveis independentes linguísticas, foram consideradas: concordância verbal (concordância ou não-concordância), tipo de referência (genérica ou específica) e tipo de relato (discurso relatado próprio ou de terceiro).

Os resultados obtidos a partir de análise estatística realizada no programa computacional GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), revelaram que, em São Luís (52,2%), o uso do pronome você na função de sujeito foi favorecido, enquanto em Bacabal foi o pronome tu a forma favorecida pelos informantes (56,5%). Esses resultados refutam uma das principais hipóteses aventadas pela autora, a de que os maranhenses, no geral, tenderiam mais à realização do pronome tu, com ou sem concordância, pois foram registradas 126 ocorrências do pronome tu, 38,4% e 202 ocorrências do pronome você e suas variantes ocê e cê, 61,6%. A autora verificou ainda que, diferentemente daquilo que esperava, a maioria das ocorrências do pronome tu veio acompanhada da morfologia verbal de terceira e não de segunda pessoa.

¹¹ O Projeto Atlas Linguístico do Maranhão, ALiMA, é vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

¹² Esses participantes compõem o Banco de Dados do ALiMA, e foram ouvidos nas áreas denominadas, conforme o projeto, como urbana (São Luís, capital do Estado) e rural (Pinheiro, Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba).

¹³ Apenas os informantes da capital, São Luís, foram estratificados entre a escolaridade fundamental e a universitária.

A autora apresentou a hipótese de que São Luís, por ser uma capital¹⁴ com contato linguístico diverso, teria maior uso do pronome *você*. Essa hipótese foi parcialmente confirmada, pois os dados mostraram que São Luís desfavorece o uso de *tu* (peso relativo¹⁵ 0,48) devido ao seu caráter cosmopolita. Já nas cidades do interior do Estado, o pronome *tu* é favorecido, marcando a identidade regional, especialmente entre falantes mais velhos.

Um ano depois, Carneiro (2011), a partir de uma amostra de fala composta por 96 informantes, estratificados por seu sexo (masculino e feminino), sua faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 55 anos e acima de 55 anos), sua escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e a classe social (média alta, média, média baixa e baixa), analisou 277 ocorrências da alternância entre os pronomes de 2PS, *tu* e *você*, na fala de ludovicenses. As gravações foram realizadas, em sua maioria, em balcões de informação de órgãos públicos como o DETRAN e Hospital Aldenora Belo¹⁶.

Para analisar a variável dependente, a autora considerou variáveis independentes internas (linguísticas), como: concordância sujeito/verbo, função sintática, pronomes complemento/possessivo, tempo e modo verbal, tipos de oração e referencialidade. Já as variáveis extralinguísticas incluíram informações sociais dos participantes, contexto de produção do dado (grau de formalidade) e posicionamento hierárquico entre os participantes (como amigos, vizinhos, líderes/comandados e professores/alunos).

Do total de dados de pronomes pessoais de 2PS extraídos da amostra, 69,31% foram produzidos com a forma *tu*, enquanto 30,69% com a forma *você*, na função de sujeito ou de complemento¹⁷. Esses resultados contrariam aqueles alcançados por Alves (2010), ao relativizar a informação de que o pronome *tu* esteja sendo substituído por *você*, entre os ludovicenses, com diferenças significativas apenas nos usos de informantes de classe social mais baixa, que utilizaram mais a forma *tu*, e aqueles de faixa etária intermediária, que parecem preferir a forma pronominal *você*.

De um modo geral, Carneiro (2011, p. 137) atrela a disseminação do uso da forma *tu* com concordância da “classe de maior poder (burguesia comercial de origem lusitana) para as de menor poder (negros, índios e mestiços)”, e que esse pronome está perdendo status social para a forma *você*, forma atualmente utilizada “[...] em estruturas consideradas um pouco mais sofisticadas, que costumam ser utilizadas por pessoas com melhor desempenho linguístico [...]” e mais cosmopolitas (p. 138), hipótese igualmente aventada por Alves (2010).

Por fim, esses resultados de pesquisas de produção linguística interessam a este trabalho, considerando as duas variedades escolhidas para análise, na medida em que se observa que,

¹⁴ Procedência geográfica – áreas urbana, rurbana e rural – de acordo com a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004).

¹⁵ O peso relativo é um valor que indica o efeito de uma variável ou fator sobre o uso de uma determinada variante no conjunto da análise (cf. Guy; Zilles, 2007).

¹⁶ A autora justifica essa decisão a partir da tentativa de, segundo ela, “resolver a questão do ‘paradoxo do observador’, isto é, coletar dados da linguagem em contexto natural de participação direta da interação com os falantes sem que as falas perdessem a espontaneidade (Labov, 2008[1972])” (Carneiro, 2011, p. 75).

¹⁷ Dos 277 dados, foram verificados apenas 7 ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na função de complemento.

aparentemente, a produção linguística e as avaliações populares da variedade ludovicense, conforme apresentado na introdução deste trabalho, não se coadunam, considerando-se a baixa realização do pronome tu observado por Alves (2010), todavia, divergindo dos resultados de Carneiro (2011).

Ressalte-se o fato de que não é o interesse desta pesquisa julgar quais resultados seriam mais condizentes com a realidade de São Luís, a despeito da orientação dos estudos de produção, que preveem a análise da maior quantidade de dados possível, representativa da população estudada, bem como de uma quantidade mínima de informantes para cada perfil estratificado, a fim de que sejam evitados resultados enviesados (a partir de dados idiossincráticos, por exemplo) (cf. Guy; Zilles, 2007), mas sim mostrar o quanto é complexa a variação dos pronomes pessoais de 2PS e verificar, de um modo mais específico, como os maranhenses avaliam essa variável linguística. Interessa ainda o fato de que cidades mais distantes da capital, como Bacabal, por exemplo, tendem mais à realização do pronome tu (Alves, 2010), observação que leva ao desenho metodológico que se apresenta no item a seguir.

3. Metodologia

Para esta pesquisa foram considerados, inicialmente, os metacomentários extraídos de duas amostras de fala: uma com ludovicenses e a outra com bacabalaneses. São Luís e Bacabal são duas cidades do estado do Maranhão que mantêm entre si forte relação, a despeito da distância de cerca de 260 km¹⁸: é à primeira, capital do Estado, que mais constantemente se relaciona a crença popular do lugar em que se fala a melhor variedade do português brasileiro (Santos, 2015); por outro lado, a escolha por Bacabal se dá em virtude de sua estratégica localização geográfica, que conduz à capital pessoas de vários outros Estados (Lopes, 2023). É considerada uma das cidades mais importantes do Maranhão, principalmente por causa de sua localização central, assim como pela presença de bancos públicos e particulares, empresas e clínicas médicas, que atendem toda a região Mearim. De acordo como aponta o IBGE¹⁹, em censo de 2022, Bacabal possui uma população de 103.711 pessoas e está entre as 300 cidades mais populosas do país, ocupando o 9º lugar no Estado.

A amostra ludovicense foi construída por Santos (2015), enquanto a bacabalense foi construída por Lopes (2019). Para aquela amostra, os 36²⁰ falantes foram estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 59 anos e 60 anos ou +) e sua escolaridade (ensino médio e ensino superior). Para a composição da amostra de fala bacabalense, foram gravadas 12 entrevistas com informantes que nasceram em Bacabal, ou que se mudaram para a cidade com até 3 anos de idade. Os informantes foram estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 30 anos; 31 a 49 anos e 50 anos ou +) e sua escolaridade (ensino médio e ensino superior).

¹⁸ De acordo com dados disponíveis no site da prefeitura da cidade de Bacabal: <https://www.bacabal.ma.gov.br/dados-do-municipio>. Último acesso em: 17 dez. 2024.

¹⁹ Cf. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/bacabal/panorama>. Acesso em: 17 dez. 2024.

²⁰ Das 36 entrevistas que compõem a amostra, obteve-se acesso a 26 entrevistas.

De um modo geral, os roteiros utilizados na gravação das entrevistas das duas amostras são compostos de duas partes: na parte mais geral, conversou-se sobre assuntos como o bairro em que mora o falante, sua infância, sua família, educação, ocupação, redes sociais e atividades de lazer. A segunda parte do roteiro compreende assuntos relacionados à cidade do falante, bem como avaliações sobre determinadas variantes linguísticas. Ao final da entrevista, pediu-se ao informante que lesse uma lista de palavras, um texto jornalístico e um depoimento com marcas de oralidade. É na segunda parte das entrevistas que se focaliza neste estudo, pois é nela que o participante é induzido a falar sobre características da cidade, das pessoas e do modo de falar dessas pessoas.

Isto posto, diferentemente de muitas pesquisas sociolinguísticas que se concentram apenas em encontrar dados codificáveis, esta pesquisa se dispõe a analisar também qualitativamente os metacomentários que podem evidenciar indícios de como os falantes pensam a variedade linguística dentro de sua comunidade de fala. Desse modo, esta pesquisa tem o interesse de verificar, especificamente, quais atitudes e discursos metalinguísticos os ouvintes produzem sobre a fala maranhense e algumas variáveis sociolinguísticas. Ao observar-se que os informantes bacabalenses não foram tão explícitos sobre a sua própria variedade, foi necessário elaborar um novo roteiro de entrevista semiestruturado que possibilitasse suscitar metacomentários sobre o falar maranhense, sobre algumas variáveis linguísticas, a fim de verificar se emergiam, desses metacomentários, discursos sobre a forma de falar dos bacabalenses/maranhenses. Essas novas entrevistas duraram em torno de 5 a 15 minutos. A estratificação da amostra (composta por 19 informantes) se deu conforme a quantidade de participantes que foi possível contactar, por isso, embora não tenha sido uma preocupação inicial, para fins de organização, consideraram-se três características sociais mais gerais para a organização da amostra: sexo, faixa etária e escolaridade (Lopes, 2019).

O roteiro utilizado nas entrevistas foi dividido em duas partes: a primeira, composta por perguntas mais gerais sobre o bairro e a cidade do informante, e a segunda, que detinha-se mais na avaliação linguística, com perguntas mais diretas sobre o falar maranhense, a exemplo de: “Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil?”. Além dessa, perguntas de avaliação sobre fenômenos específicos também foram inseridas: (i) pronome pessoal *tu* sem concordância com o verbo: “*tu* comprou errado”; (ii) concordância verbal de número não padrão: “*nós* vai amanhã”; (iii) (concordância nominal de número não padrão: “*me dá dois pão*”; e (iv) /S/ em coda silábica – fricativa alveolar desvozeada: “*a li[s]ta e[s]tá dentro da pa[s]ta*”. Após a pergunta sobre cada variante, há as seguintes perguntas: “Quem *você* acha que fala assim? O bacabalense fala assim?”, “*Você* fala desse modo?”.

Os metacomentários extraídos foram condensados em nuvens de palavras com auxílio do site *Word Art* (cf. tópico 4). Tais metacomentários foram organizados em dois grupos: metacomentários gerais (excerto 2), em que os informantes produzem afirmações do tipo “melhor português”, “melhor fala”, “fala bem”, “corretamente”, sem que, necessariamente, indiquem algum sinal linguístico específico:

(2) Documentador: eh {M} e como é que o ludovicense fala?

MariaF.: o ludovicense fala... ‘êta’ (eu creio que é nosso)... que tudo é eita **eh... eu creio que (ainda) é um do português mais bem explicado**

Documentador: o português ludovicense?

MariaF.: **ludovicense é o que mais se compreende**

SLF1B-MariaF.

O outro conjunto é denominado específicos (excerto 3), uma vez que é composto por metacomentários da mesma natureza dos metacomentários gerais, mas produzidos com a indicação de um sinal linguístico:

(3) Documentador: seu {C} e olhando pra mim seu {C} o senhor diria que eu sou ludovicense?

MarceloO.: mais ou menos (acho que) a tua linguagem eu não sei se aprendeu aqui né o português claro **esse português que a gente fala o português nós dizemos ‘tu’ nós dificilmente falamos você** agora a gente fala você por causa das novelas que tá unificando tudo.

SLM2B-MarceloO.

Este estudo organiza as avaliações subjetivas em metacomentários gerais e específicos para padronizar a análise de como ludovicenses e bacabalenses avaliam suas variedades linguísticas e identificam possíveis marcadores, no sentido de Labov (2008[1972]). O estudo foca no uso dos pronomes tu/você como sinal linguístico, uma variável destacada nos discursos populares que associam o português falado no Maranhão à ideia de ser o mais correto do país.

4. Resultados e discussão

4.1. Os metacomentários de ludovicenses²¹

As visões de informantes, como as apresentadas anteriormente nos excertos (2) e (3), sustentam, em alguma medida, as diferenças entre uma teoria popular da linguagem e uma teoria linguística (científica) apresentadas por Preston (2004). A principal diferença é que na teoria popular da linguagem há uma realidade platônica em que as pessoas acreditam, de fato, na existência de uma língua sólida e homogênea. Nesse caso, infere-se que a variedade ludovicense seria a melhor variedade do português brasileiro e, conseqüentemente, “os falantes que estão diretamente conectados a ela falam uma forma totalmente correta [...]” (Preston, 2004, p. 64). Desse modo, seguindo esse entendimento, as variedades que se diferem da variedade ludovicense poderiam ser classificadas como “erros” ou “dialetos”, nos termos desse autor.

²¹ Lopes (2022) realizou uma análise preliminar desses comentários. Este trabalho retoma alguns desses dados e apresenta uma análise complementar.

No excerto (4), JoãoK. comenta que o ludovicense fala um português claro: “né o português claro esse português que a gente fala”. Como exemplo disso, o informante assevera que o ludovicense utiliza o pronome “tu” em detrimento do pronome “você” que, segundo ele, seria pouco utilizado por parte dos ludovicenses (“nós dificilmente falamos você”) e ainda coloca que, atualmente, o uso do pronome “você” tem crescido e aponta as novelas como a causa do avanço dessa forma pronominal em direção ao espaço daquela. Para ele, a televisão tem unificado a fala, descaracterizando-a: “televisão ela tá massificando/unificou tudo mas nós tínhamos o jeito de ser assim bem característico”. A informante ZafiraL. ratifica essa ideia:

- (5) Documentador: a a a gente teria um modo de falar a senhora saberia me dizer como é que o modo de falar do ludovicense?

ZafiraL: sim fala bem acho que ele se expressa bem não tem muito não tem vícios né [...] num tem muito vício hoje com influência de de televisão muito eles eh {H} às vezes fala “tu foi vovó?” não ‘tu foste?’ ‘tu foste?’ ‘tu foste?’

SLF3S-ZafiraL.

A informante Zafira L. também concorda que o ludovicense “sim fala bem”, já que, segundo ela, “ele se expressa bem não tem muito não tem vícios né”. Para ela, a televisão tem levado as pessoas a cometerem vícios de linguagem. Em seguida, a informante utiliza um exemplo com uma criança, supostamente o seu neto, para explicar como deveria ser a concordância do pronome “tu” com o verbo. Ela comentou que a criança, às vezes, tenta usar o pronome “tu” para se dirigir à avó, sem se preocupar com a concordância verbal – “tu foi vovó” –, desse modo, ela intervém e repete várias vezes a expressão com o pronome “tu” e o verbo concordando – “aí eu fico ‘fostes’ ‘fostes’ ‘fostes’” – para que a criança assimile a expressão que ela considera correta. Infere-se, portanto que, aparentemente, a televisão estaria influenciando a criança. Em um trecho anterior da entrevista, ZafiraL. comenta que uma pessoa considerada pobre do interior do Maranhão fala melhor do que qualquer pessoa: “eh eh mas mesmo assim uma pessoa pobre paupérrima do interior do Maranhão falando na televisão sendo entrevistada ela é melhor do que qualquer outro lugar ela tem fala melhor né”.

Ainda sobre o uso do pronome tu como uma marca linguística que justificaria o discurso da supervalorização da variedade ludovicense/maranhense, a informante FlavianeC. é enfática, ao dizer que o pronome tu com a concordância representaria o modo de falar do ludovicense:

- (6) Documentador: eh a senhora saberia me dizer assim qual seria o modo de falar do ludovicense?

FlavianeC.: eh ah (xxx) não eu acho que (xxx) o certo é ‘tu’ [...] ‘tu foste’ (sabe) isso aí é maranhense mesmo você não vê outro lugar a pessoa esse é o modo de falar é usar todas as pessoas com os seus verbos

Documentador: aham a senhora acha que a gente tem usa muito (tu)?

FlavianeC.: o certo o ‘tu’ de maneira correta é a concordância certa.

SLF2S-FlavianeC.

Em síntese, conforme observado nas avaliações destacadas, os informantes ludovicenses, de um modo geral, entendem que, sim, a variedade ludovicense poderia ser considerada como a melhor variedade do português brasileiro, no entanto, não fica muito clara a supervalorização da variedade maranhense como um todo. No que se refere ao uso do pronome *tu*, os metacomentários evidenciam uma certa preferência pelo uso desse pronome, observando-se, contudo, o entendimento dos informantes sobre uma crescente tendência de uso do pronome *você* no lugar do pronome *tu* que, segundo eles, seria uma influência da televisão.

Observa-se, ainda, uma certa avaliação negativa sobre o uso do pronome *você*. Esse fato poderia representar um forte empecilho para uma possível implementação desse pronome na variedade ludovicense, caso essa avaliação negativa se enraizasse na comunidade ludovicense. No entanto, presume-se que o pronome *tu* assumiria um significado identitário na cidade de São Luís. Nota-se que essa supervalorização independe da escolaridade dos informantes, haja vista que, tanto os informantes com nível básico como os de nível superior, apresentam esse tipo de avaliação.

4.2. Os metacomentários de bacabalenses

Na figura 3, a seguir, estão coligidos os metacomentários produzidos pelos 19 informantes bacabalenses suscitados a partir desta pergunta: “Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. O que você acha disso?”. Especificamente sobre o discurso de supervalorização da variedade maranhense, conforme se observa na nuvem de palavras abaixo, a maioria dos bacabalenses foi clara ao afirmar que, sim, o maranhense fala um bom português ou o melhor português do Brasil por meio de metacomentários com respostas diretas, como “sim”, “verdade”, “eu também acho”, “com certeza”, e metacomentários avaliativos sobre o português maranhense, a exemplo de “o melhor”, “bem falado”, “certinho”, “sem gíria”, “sem sotaque”, entre outros:

Figura 3: Nuvem de palavras com os metacomentários extraídos da pergunta que trata sobre a supervalorização do português maranhense



Fonte: Elaborada pelo autores.

Alguns informantes foram bem diretos nas respostas e não apresentaram metacomentários avaliativos, como “sim”, “não”, “verdade”, “concordo”. Em contrapartida, outros informantes foram bem enfáticos em relação à supervalorização do português maranhense, apresentaram metacomentários avaliativos e comparam-no ao português falado em outras variedades do português brasileiro, conforme os excertos (7) e (8).

- (7) **Juliete: eu também acho tenho** uma experiência já morei em São Paulo por quase um ano... e lá eles é muito diferente o sotaque deles vamos supor eh... ah eu vou ao supermercado vou a padaria aí lá em São Paulo eles usam **“a gente vai a gente” “vai à padaria” tem outras formas também só que agora no momento eu esqueci só que é totalmente ao contrário e a gente percebe que é errado num é é a forma certa de falar.**

BCBF1B-Juliete.

A informante Juliete afirma que o maranhense fala o melhor português e diz que em São Paulo o sotaque é muito diferente. No entanto, apresenta um exemplo morfossintático para evidenciar a diferença entre as duas variedades: o maranhense falaria “vou a supermercado” enquanto em São Paulo os falantes usariam “a gente vai”, “vai à padaria”. Na resposta de Emanoela, em (8), encontra-se uma avaliação positiva sobre o português maranhense: “não chia tanto”, “não acrescenta letra onde não tem”. Embora a família estranhe o modo de falar do maranhense, acredita que, segundo o que ela já ouviu, “em questão de gramática o maranhense é o que mais fala correto a gramática”:

- (8) **Emanoela: eu acho que é verdade**

Documentador: é? Por que que você acha que é verdade?

Emanoela: acha não chia tanto (risos) a gente não acrescenta letra onde não tem (risos) [...] na hora de falar que eu digo oh porque... minha família por parte de pai tem uns que mora em Belém tem outros que mora em em Recife então a gente quando eles vem a gente vê e eles acham estranho também a maneira com que a gente fala [...] **apesar que a gente/só estranho a eles porque são tão vindo de fora mas também eles acham... mas eu já ouvir falar que em questão de gramática o maranhense é o que mais fala correto a gramática.**

BCBF1S-Emanoela.

Nas respostas dos informantes, evidencia-se uma percepção sobre o falar maranhense em relação a sotaques e gírias. Beto (9) identifica diferenças entre os falares de ludovicenses e bacabalenses, sugerindo que os primeiros usam mais gírias, mas sem apresentar exemplos. Já Naiara acredita que sotaques de outros lugares podem modificar palavras, enquanto o maranhense falaria de forma mais “correta”. Em geral, sotaques como o paulistano, carioca e pernambucano são associados ao adjetivo “arrastado”, relacionado à percepção prosódica.

(9) Beto: **sim eu também acho**

Documentador: é?

Beto: **porque eh eu acho né mas assim tem os sotaque né o povo de São Luís né da capital fala mais eles fala com uma certa gíria né assim agora... o o português bem mais bem falado eu acho que é mais bem falado do que em muito lugar... eu acho (xxx) lá em São Luís a gente vê diferenças demais até no até no palavreado mesmo**

Documentador: poderia dar algum exemplo?

Beto: como que eu posso te dizer rapaz... eles falam meio arrastado tem um eles tem uma gíria tem gíria demais assim aqui não a gente não tem gíria assim que nem eles lá não sei nem te explicar direito como é que é que eles **falam “olha meu cumpade” num sei o quê fala diferente**

Documentador: **o bacabalense não fala assim?**Beto: **o bacabalense não fala assim com gíria.**

BCBM2S-Beto.

(10) Naiara: **eu acho que é verdade** porque geralmente os outros lugares tem um sotaque que às vezes muda às vezes a palavra o sotaque né da pessoa (não que ela esteja errada) (xxx) **e os nordestino o maranhense eles fala as palavra mermo bem certinho.**

BCBF1B-Naiara.

Os exemplos acima levam ao entendimento daquilo que explica Freitag *et al.* (2016, p. 72), para quem “a permeabilidade de elementos da oralidade à indexação de valorações, fazendo emergir estereótipos e marcadores”, seria o resultado das políticas linguísticas brasileiras, que, de um modo geral, “[...] priorizaram a modalidade escrita e o nível gramatical, em detrimento da oralidade [...]”, dentre outros aspectos relacionados aos aspectos suprasegmentais (acento tônico, tom, ritmo, entre outros) que auxiliam na identificação de particularidades das variedades linguísticas.

Alguns informantes (11) e (12) questionam ou não acreditam na ideia de supervalorização do português maranhense. Zilpa, por exemplo, mesmo sendo maranhense, não se considera falante de um português correto e acredita que ser maranhense não é suficiente para afirmar que se fala a melhor variedade do português brasileiro.

(11) Zilpa: acho que não

Documentador: não por quê?

Zilpa: **acho que não... sei lá eu acredito que não assim eu pelo menos não me acho eu não acho que eu falo correto e aí por ser maranhense nascida e criada aqui sei não acho que não.**

BCBF2S-Zilpa.

Por outro lado, a informante Andyara (12) afirma que o melhor português não existe. Segundo ela, todos falam português, no entanto, o local em que a pessoa vive influencia diretamente no seu modo de falar. Comenta ainda o fato de o falante ter a capacidade de se acomodar à fala do outro, ou

seja, “o indivíduo, com o objetivo de garantir a aceitação social, tenta convergir a sua maneira de falar de acordo com o a do seu interlocutor” (Giles 1973 *apud* Lima, 2013, p. 44).

(12) Andyara: **eu acho que isso não existe**

Documentador: é?

Andyara: todos nós falamos português só que existe a questão do regionalismo cada pessoa vai falar de acordo com o lugar onde ela convive

Documentador: humrum

Andyara: porque mesmo se a pessoa não tenha nascido aqui ela **vai acabar se acostumando com a aquela forma de falar** talvez ela não fale... tão igual as outras pessoas fica uma pontinha daquele sotaque de onde ela veio do país de onde ela veio mas a **pessoa vai se acostumando porque o ser humano ele é muito de se adaptar então a gente vai se adaptando a forma de falar.**

BCBF1S-Andyara.

Na figura 4, estão reunidos os metacomentários suscitados a partir das perguntas diretamente produzidas para aliciar os informantes quanto ao pronome pessoal tu “O que você acha deste modo de falar: “tu comprou errado?”; “Você fala desse modo?”; “Caso o informante diga que não fala assim, Quem você acha que fala assim?” e; “O bacabalense fala assim?”.

Figura 4: Nuvem de palavras com os metacomentários extraídos da pergunta sobre a sentença “tu comprou errado”



Fonte: Elaborada pelo autores.

A partir da análise desses dados, observaram-se diferentes tipos de comportamentos avaliativos sobre o uso do pronome tu sem a concordância verbal. Há informantes que acham normal o uso do pronome tu; outros informantes acham-no esquisito, estranho, sério e, por isso, parecem ter uma tendência a utilizar mais o pronome você. Outros, ainda, consideram o uso do pronome tu errado e apresentam uma tendência a preferir o uso do pronome você. Há, ainda, três informantes que

apresentam metacomentários que fogem desses conjuntos de avaliações: (i) modo informal; (ii) usa, mas não apresenta avaliação; e (iii) apenas considera estranho.

Juliete (13) considera o uso do pronome *tu* como “comum” e “normal”, caracterizando-se, assim, como um uso típico da variedade bacabalense. Andyara, em particular, entende que o bacabalense “usa muito o *tu*” e dificilmente “fala *você*”:

- (13) **Juliete: comum [...] eu acho comum aqui em Bacabal ah tu comprou um pão errado... normal (risos)**

Documentador: normal as pessoas eh falam

Juliete: normal sim

Documentador: falam desse modo

Juliete: sim

BCBF1B-Juliete.

Diferentemente das duas informantes anteriores, Tânia (14) apresenta um certo estranhamento ao modo de falar “*tu comprou pão errado*”, e comenta que não costuma “usar muito a palavra *tu*”, mas gosta de usar o pronome *você*. Acha estranho quando amigas se referem às suas mães com o pronome *tu*.

- (14) **Tania: eu num eu num co eu num... eu num costume usar muito a palavra tu eu sempre gosto de usar você (xxx) [...] mas eu sempre gosto de usar o você [...] então eu acho ah pra mim às vezes soa um pouco estranho tipo quando a pessoa fala tipo quando eu vi as minhas as minhas amigas chamando a própria mãe de tu “mãe tu fez isso?” eu achava assim (que eu sempre chamo a minha mãe “a senhora fez isso?”) então quando falava tu... então eu achava meio assim... estranho**

Documentador: entendi... eh você fala no caso você não fala assim né?

Tania: não oh/eh é não é muito raro eu falar a palavra tu [...] eu me referi (a um outra pessoa) falando tu eu sempre procuro falar você (se for mais velho) senhor e senhora.

BCBF1B-Tania.

Os metacomentários de Tânia (14), acima, e Naiara (15), a seguir, indicam uma certa avaliação positiva em relação ao uso do pronome *você*, embora exista uma preferência pelo uso do pronome *tu*. Os informantes percebem uma tendência crescente do uso de *você*, atribuída à influência da televisão, corroborando estudos anteriores (Alves, 2010; Carneiro, 2011). Entre os que consideraram *tu* como uma forma errada, apenas uma informante mencionou problemas de concordância com o verbo.

- (15) **Naiara: eu acho errado**

Documentador: o que que tem de errado aí?

Naiara: eu acho que é *você* comprou errado

Documentador: *você* fala desse modo?

Naiara: não eu falo você

Documentador: quem que você acha que fala assim “tu comprou errado” o bacabalense fala assim?

Naiara: não acho que não

Documentador: como (xxx) bacabalense falaria?

Juliete: acho que você você comprou errado

BCBF1B-Naiara.

Em síntese, a análise das entrevistas com bacabalenses revelou que, ao serem eliciados sobre a variedade maranhense e o uso do pronome tu, a maioria dos participantes fez metacomentários positivos, acreditando que os maranhenses falam o melhor português do Brasil, assim como os ludovicenses. Quanto ao uso do pronome tu, muitos o consideram normal, embora também comentem positivamente acerca do uso do pronome você. Observou-se uma diferença entre as duas localidades, no sentido de que os bacabalenses tendem a avaliar o pronome você positivamente, enquanto entre os ludovicenses há uma percepção mais negativa.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo central analisar as avaliações sociolinguísticas sobre a variedade maranhense, a partir de metacomentários extraídos da fala de informantes ludovicenses e bacabalenses, com intuito de verificar quais avaliações emergiam do discurso desses falantes acerca do discurso popular que diz que é o maranhense quem fala o melhor português.

Resumidamente, a análise das avaliações sociolinguísticas evidenciou que ludovicenses (Santos, 2015) e bacabalenses (Lopes, 2019) se diferenciam no que diz respeito aos tipos de metacomentários produzidos. Os ludovicenses (Santos, 2015), por um lado, identificam-se como falantes de um bom português e, espontaneamente, apresentam metacomentários sobre o discurso que trata sobre a supervalorização do português maranhense e, em alguma medida, apontam o pronome “tu” como uma marca linguística que justificaria esse discurso, principalmente, em São Luís, ao passo que o pronome “você” recebe, ainda que minimamente, uma avaliação negativa entre alguns ludovicenses.

Por outro lado, as novas entrevistas gravadas com bacabalenses evidenciaram que, ao serem questionados diretamente sobre esse discurso e sobre a utilização do pronome “tu”, a maior parte dos bacabalenses teceu metacomentários positivos em relação à variedade maranhense, assim como os ludovicenses, sugerindo que os bacabalenses também acreditam que o maranhense fala a melhor variedade do português brasileiro. As avaliações em torno do uso do pronome “tu” mostram-no como uma marca linguística comum na variedade bacabalense, ainda que prevaleçam avaliações positivas do uso do pronome “você”. Esses resultados indicam a existência de uma divergência em relação à avaliação do uso do pronome você entre ludovicenses e bacabalenses.

Por fim, a análise dos metacomentários dos informantes ludovicenses e bacabalenses realizada neste trabalho contribuiu, em alguma medida, para compreender o comportamento avaliativo explícito (Labov, 2008 [1972]; Guy, 2012) desses falantes em relação a aspectos da variedade maranhense, como a supervalorização e o uso do pronome *tu*. Esse resultado possibilita ampliar a descrição sociolinguística do português maranhense, ao evidenciar como os maranhenses percebem e avaliam sua própria variedade. De maneira geral, observa-se que as avaliações sociolinguísticas dos informantes ludovicenses e bacabalenses parecem endossar o discurso de superavaliação do português falado no Maranhão.

Referências

- ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense*. Brasília, 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. *A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu*. 2015. 157f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2015.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. 220 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1979.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CARNEIRO, Honorina Maria Simões. *As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense*. 147 f. Tese (Doutorado em linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2011.

- CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. “*O que você acha do uso de tu?*”: a percepção da variação dos pronomes de 2SG no dialeto carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2019.
- COSTA, Raquel Maria da Silva. *A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA*. 2016. 390f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ECKERT, Penelope. ‘Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation’. In: *Annual Review of Anthropology* vol. 41, pp. 87-100, 2012.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; SNICHELOTTO, C. A. R.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, pp. 64-84, 2016.
- GARCIA, B. L. *Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista*. 157 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.
- GUY, Gregory; ZILES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GUY, Gregory. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LACERDA, M. F. de O. *et al.* Formas tratamentais no semiárido baiano: contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. In: LOPES, N. S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (org.). *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016. pp. 39-57.
- LEITE, Cândida M. Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado. 138 f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.
- LOPES, João Vitor Cunha. *A realização da concordância nominal de número em Bacabal-MA*. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2019.
- LOPES, João Vitor Cunha. Avaliações (socio)linguísticas sobre a fala de ludovicenses. In: *Revista de Letras Juçara*, Caxias – Maranhão, v. 06, n. 02, p. 277 - 295, dez. 2022.

LOPES, João Vitor Cunha. *Avaliações (socio)linguísticas sobre os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na fala de maranhenses*. 2023. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.

LOPES, C. R. S.; OLIVEIRA, T. L.; CARVALHO, B. B. A. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. In: *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 117-132, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9173>. Acesso em: 08 jun. 2024.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LIMA, Izete de Sousa. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2013.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 58. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos. *Poranduba Maranhense ou Relação histórica da Província do Maranhão*. 3. ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2012[1946].

MENDES, Ronald Beline. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. Tese (Livre de Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*. Curitiba, n. 44, pp. 91-106, 1995.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu*. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2014.

MODESTO, Artarxerxes Tiago T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância entre tu / você na cidade de Santos - SP*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. *Folk Linguistics*. Berlin, New York: De Gruyter, 2000.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, pp. 318-336, 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 08 jun. 2024.

PRESTON, D. The uses of folk linguistics. In: *International Journal Of Applied Linguistics*, v. 3, n. 2, pp. 181-259, 1993.

- PRESTON, D. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K. TRUDGILL, P.; SCHILLING, N (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 40-66.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2023. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- SERRA, Astolfo. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.
- SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Rio de Janeiro. 1980. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras), PUC Rio de Janeiro, 1980.
- SORIANO, L. G. M. *Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].